

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O IMPACTO DA IA NA ESCRITA NA ERA DAS TENDÊNCIAS DA INTERNET

Leandro Alves Chu

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12995>

Submetido em: 2025-08-15

Postado em: 2025-09-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O IMPACTO DA IA NA ESCRITA NA ERA DAS TENDÊNCIAS DA INTERNET

The Impact of AI on Writing in the Era of Internet Trends

LEANDRO ALVES CHU

<https://orcid.org/0009-0003-8472-3985>

Universidade Estácio de Sá

Resumo

A ascensão da Inteligência Artificial (IA) generativa reconfigura profundamente a comunicação escrita e desafia as concepções tradicionais de autoria e originalidade. Este artigo explora a interseção da IA com as transformações linguísticas da era digital, como a concisão, a multimodalidade (emojis, GIFs) e o “algospeak”, além de como o Processamento de Linguagem Natural (PLN) reflete e intensifica essas dinâmicas. Analisa-se o debate entre a gramática normativa e a sociolinguística, destacando a variação contextual da linguagem e a semiótica dos novos códigos comunicacionais, ilustrada por exemplos como a minissérie *Adolescência*. Discute-se a IA como cocriadora textual, com foco na “poesia algorítmica” e no contraste entre a simulação da máquina e a vivência humana na arte, conforme a filosofia de Miguel Reale. A pesquisa aborda ainda o dilema da autoria híbrida, a ambiguidade do plágio na era algorítmica e a crescente necessidade de um letramento digital crítico. Conclui-se que a IA não suprime a escrita humana, mas a transforma, exigindo novas competências e uma reavaliação contínua dos paradigmas da comunicação para que o indivíduo seja um agente consciente da linguagem digital.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Comunicação Escrita; Autoria; Originalidade; Linguística Digital; Poesia Algorítmica.

Abstract

The rise of generative Artificial Intelligence (AI) profoundly reshapes written communication and challenges traditional notions of authorship and originality. This article explores the intersection of AI with digital-era linguistic transformations, such as conciseness, multimodality (emojis, GIFs), and “Algospeak,” and how Natural Language Processing (NLP) reflects and amplifies these dynamics. It analyzes the debate between prescriptive grammar and sociolinguistics, highlighting the contextual variability of language and the semiotics of new communication codes, illustrated by examples like the miniseries *Adolescence*. This paper discusses AI as a textual co-creator, focusing on “algorithmic poetry” and the contrast between machine simulation and genuine human experience in art, Drawing on the philosophy of Miguel Reale. The research also addresses the dilemma of hybrid authorship, the ambiguity of plagiarism in the algorithmic era, and the increasing need for critical digital literacy. It concludes that AI does not suppress human writing but transforms it, demanding new competencies and a continuous re-evaluation of communication paradigms so that individuals can become conscious agents of digital language.

Keywords: Artificial Intelligence; Written Communication; Authorship; Originality; Digital Linguistics; Algorithmic Poetry.

1 Introdução

A comunicação escrita, em constante evolução na era digital, é intrinsecamente moldada pelas tendências da internet e, mais recentemente, pela ascensão da Inteligência Artificial (IA). Os modelos generativos de linguagem e o Processamento de Linguagem Natural (PLN) estão redefinindo profundamente as práticas de escrita, levantando questões sobre automação textual, a flexibilidade das normas gramaticais e a própria natureza da autoria.

A linha que demarca a escrita humana da algorítmica torna-se cada vez mais difusa. Fenômenos como o “internetês” já sinalizavam uma flexibilização linguística, preparando o terreno para a coexistência da coautoria humano-IA. Essa dinâmica levanta um problema central: como discernir a autenticidade e a originalidade da escrita em um cenário onde a colaboração com ferramentas de IA é crescente? Este artigo examina as transformações que a IA impõe à escrita digital, com foco em suas implicações linguísticas e na reconfiguração da autoria. Nosso objetivo é analisar as profundas mudanças que a IA provoca na comunicação escrita, avaliando como a tecnologia redefine os conceitos de autenticidade e originalidade. Argumenta-se que a IA não suprime a expressão humana, mas a transforma, exigindo um letramento digital crítico para que se possa discernir informações, otimizar o uso dessas ferramentas e reavaliar os paradigmas comunicacionais e a intersecção entre linguística e tecnologia. Este estudo, de caráter teórico-bibliográfico, baseia-se na análise crítica da literatura existente sobre IA, escrita digital e linguística, buscando oferecer uma compreensão detalhada da complexidade e multimodalidade da linguagem na era da Inteligência Artificial.

2. A ascensão da IA na escrita e a reconfiguração da linguagem digital

2.1 Evolução da escrita digital e impacto inicial da IA

A comunicação escrita, em sua contínua adaptação às inovações tecnológicas, encontra-se atualmente em um ponto de modificações sem precedentes com a popularização da Inteligência Artificial (IA). Para compreender plenamente a magnitude dessa transformação, é essencial contextualizá-la em relação às mudanças linguísticas já observadas na era digital pré-IA. A internet, muito antes dos modelos generativos de linguagem, atuou como um poderoso catalisador para a flexibilização das normas linguísticas tradicionais.

A comunicação mediada por computador (CMC), por exemplo, introduziu uma hibridização entre a oralidade e a escrita, favorecendo a agilidade e a expressividade na

interação online. Fenômenos como o “internetês”, marcado pelo uso de abreviações, neologismos e uma estrutura menos formal, tornaram-se notáveis no Brasil, demonstrando a inerente adaptabilidade da língua portuguesa ao ambiente digital (Pferl, 2021; Saliés, 2009). Essa evolução foi impulsionada pelos próprios usuários que, ao interagirem em plataformas online, criaram novas formas de comunicação. A necessidade de navegar e interpretar esses novos códigos linguísticos exigiu o desenvolvimento de “multiletramentos”, preparando o terreno para uma linguagem cada vez mais fluida e multimodal.

A incorporação massiva de elementos visuais, como emojis, GIFs e *stickers*, marcou uma fase significativa na escrita digital. Esses elementos se tornaram ferramentas cruciais para a expressão de significado e emoção, transcendendo as barreiras do texto puro (Danesi, 2017; Li & Yang, 2018; Ochulor et al., 2023). A ascensão de plataformas como WhatsApp, Instagram, TikTok e X (antigo Twitter) consolidou uma comunicação concisa e intrinsecamente multimodal. Nessas redes, *memes* se estabeleceram como poderosos instrumentos linguísticos, capazes de veicular mensagens complexas de forma sucinta e culturalmente ressonante (Moreira et al., 2024). Da mesma forma, as tendências do TikTok, impulsionadas pela Geração Z, popularizaram jargões e abreviações que se espalham rapidamente, moldando a linguagem coloquial e demonstrando a capacidade adaptativa da comunicação online (Syafa'ah & Haryanto, 2023; Writerful Books, 2023). Essas evoluções linguísticas pré-IA não apenas prepararam o cenário, mas também são agora intensificadas pelas capacidades dos algoritmos de inteligência artificial.

Com o amadurecimento do Processamento de Linguagem Natural (PLN) e a proliferação de modelos generativos, a IA transcendeu o papel de uma mera ferramenta de apoio para se posicionar como uma verdadeira cocriadora na produção textual. Ferramentas como o ChatGPT (Hirota, 2023), a Clarice IA (Iszlaji, 2023) e o Grammarly (Fitria, 2021; O'Neill & Russell, 2019) exemplificam essa nova era, otimizando a escrita com funcionalidades que vão da predição de texto à correção gramatical e estilística em tempo real. A capacidade dessas tecnologias de emular a linguagem humana atingiu um patamar tão elevado que levanta questões complexas sobre autenticidade e autoria (Miliano, 2024; Moss, 2025; Moura & Duque-Pereira, 2023; Provasi & Duarte, 2025). A discussão se aprofunda com alegações de que modelos como o GPT-4 teriam supostamente “passado” no célebre Teste de Turing proposto por Alan Turing (1950), conforme sugerido por estudos recentes (Hunter, 2024; Moore-Colyer, 2025). Embora a IA ofereça ganhos inegáveis em agilidade e produtividade, otimizando tarefas

como a elaboração de resumos e a organização de ideias, ela também suscita preocupações. A dependência excessiva de correções e otimizações automáticas pode, por exemplo, levar a uma leitura mais superficial do conteúdo e, potencialmente, ao enfraquecimento da proficiência linguística e da capacidade crítica dos usuários.

2.2 IA e o Debate sobre normas linguísticas

A ascensão da IA e das mídias sociais intensifica o debate sobre as normas gramaticais, transformando a escrita de um modelo estável para um campo de constante inovação. A interação humana, mesmo nas suas formas mais tecnológicas, mantém a discussão sobre as normas linguísticas como um ponto central. As plataformas digitais, ao permitirem a comunicação instantânea e global, aceleraram a evolução linguística, trazendo à tona questões sobre o que se considera “correto” ou “apropriado”. Porém, o que é considerado “gramaticalmente correto” ou “aceitável” muitas vezes depende do contexto (Pferl, 2021), pois as regras informais das mídias sociais diferem consideravelmente das expectativas em ambientes formais, priorizando a velocidade e a eficiência em detrimento da precisão gramatical tradicional. O debate sobre as normas gramaticais em redes sociais é influenciado por uma série de fatores sociais e culturais, como faixa etária, contexto e o repertório linguístico de cada indivíduo ou grupo. Com isso, diferentes comunidades de falantes manifestam visões divergentes e, muitas vezes conflitantes, sobre o que deve ser considerado uso de linguagem “correto”, “aceitável” ou “apropriado” nas interações online. Essa variação não é aleatória ou um mero desvio. Pelo contrário, ela se relaciona diretamente com os princípios da variação linguística, pilar fundamental da pesquisa sociolinguística que busca entender como a língua se adapta e se manifesta de diferentes maneiras em comunidades e contextos sociais específicos (Fairclough, 1995, p. 219).

Sob essa perspectiva, observa-se uma transição notável de sentenças completas para formas mais concisas e visualmente expressivas, como abreviações, emojis e GIFs. Essa tendência, amplificada pelas mídias sociais e pela IA, desafia a estrutura linguística tradicional e as normas gramaticais. Abreviações como “vc” (você), “tbn” (também) e “rs” (risos) tornaram-se onipresentes, reduzindo o tempo de digitação e facilitando a comunicação em tempo real (Koska, 2023). Os emojis e GIFs, por sua vez, funcionam como substitutos visuais para palavras, frases ou mesmo parágrafos inteiros, adicionando camadas de significado, emoção e tom que o texto puro muitas vezes não consegue transmitir (Koska, 2023; Logi &

Zappavigna, 2021). Esses novos recursos criam uma linguagem mais dinâmica e multifacetada, especialmente em contextos onde a interação é rápida e informal.

A profundidade e a complexidade dessa mudança de sentenças completas para formas de comunicação mais visuais e abreviadas são vividamente ilustradas em uma cena da minissérie *Adolescência* (2025) da Netflix (Temporada 1, Episódio 2), que revela um verdadeiro abismo geracional na compreensão dos significados dos emojis. Na cena, Adam (Amari Bacchus) tenta explicar a seu pai, o detetive DI Luke Bascombe (Ashley Walters), as nuances do uso de emojis. A conversa entre pai e filho evidencia não apenas a distância entre as gerações na proficiência dessa nova linguagem, mas também a complexidade semiótica inerente aos emojis e sua crescente capacidade de transmitir significados codificados, contextuais e alinhados a grupos específicos. Por exemplo, o emoji de dinamite para “uma pílula vermelha explosiva”, ou as diversas cores de coração que transcendem o “amor” básico, como “tesão” (roxo), “interesse” (amarelo) e “estou interessada, mas não em sexo” (rosa) (Henry, 2025). Esse cenário complexo acende o debate sobre o impacto dessas novas formas de expressão sobre a gramática tradicional e sobre a própria competência linguística.

Essa transformação linguística é frequentemente interpretada sob as perspectivas da gramática normativa e prescritiva (Cunha & Cintra, 1985; Bechara, 2024) como um “empobrecimento” ou “corrupção” da língua, que considera a norma culta imutável. No entanto, linguistas contemporâneos como Marcos Bagno (2013) e Marcel Danesi (2017) rejeitam essa concepção purista, afirmando que tais mudanças são adaptações naturais da língua a novas formas comunicativas. Danesi (2017, p. 158) argumenta que, diferentemente de linguagens artificiais, os emojis visam enriquecer a comunicação entre culturas, complementando as línguas naturais sem ameaçar a diversidade linguística. Sob uma visão descritiva e sociolinguística, essas mudanças são encaradas como a variação natural e dinâmica da linguagem em resposta a um novo ambiente comunicacional com diferentes necessidades e objetivos.

O estudo da semiótica oferece uma base fundamental para compreender essa transição. Os estudos pioneiros de Saussure (1916, p. 79), ao descrever os signos, e de Peirce, ao classificar os signos em ícones, índices e símbolos, são essenciais para entender como elementos visuais como os emojis evoluíram para se tornar unidades semânticas autônomas, capazes de comunicar mensagens complexas e codificadas (García, 2021). Nesse quadro, emojis operam como híbridos semióticos, combinando iconicidade (ex: 🍷, Danesi, 2017, p.

33), indexicalidade (ex: ☒, Danesi, 2017, p. 42) e convenção (ex: ❤️, Danesi, 2017, p. 51). Esses pequenos ícones não apenas representam emoções ou objetos, mas encapsulam narrativas e funcionam como “microdiscursos” (Sanosi, 2022, p. 5). De modo similar, os GIFs funcionam como uma verdadeira paralingua das mídias sociais, enriquecendo a construção de sentido e adicionando camadas de interpretação que vão muito além das palavras (Logi & Zappavigna, 2021). Essa perspectiva semiótica é fundamental para compreender a riqueza e a multimodalidade da linguagem digital, que opera em um sistema expandido de signos.

No contexto das ferramentas de IA, a influência vai além da simples sugestão inicial de elementos visuais. A inteligência artificial desempenha um papel ativo e significativo nessa transformação, muitas vezes sugerindo elementos visuais e formas abreviadas como substitutos práticos e rápidos para o texto tradicionalmente escrito, facilitando as interações ágeis características do ambiente digital. Em aplicativos de mensagens, por exemplo, indicar emojis apropriados com base na análise do contexto da conversa, incentivando e normalizando seu uso. O mesmo ocorre com funções de texto preditivo e autocorreção, que podem acabar por reforçar o uso de abreviações já existentes ou até mesmo impulsionar a criação de novas ao sugerir formas mais curtas de palavras e expressões (Hirota, 2023, p. 20). Além disso, a IA demonstra habilidade na automação de processos textuais que se relacionam a essa economia de linguagem. A capacidade da IA de reconhecer e replicar nuances e ambiguidades linguísticas ao analisar palavras em seus contextos de ocorrência, fundamentada na semântica distribucional (Moura & Duque-Pereira, 2023), é crucial para a compreensão e disseminação dessas tendências. O ChatGPT, por exemplo, exhibe a capacidade de converter listas concisas de tópicos ou anotações resumidas em texto corrido detalhado e coeso (Hirota, 2023, p. 20). Esse recurso demonstra como a IA pode automatizar a coesão textual a partir de atalhos comunicacionais e estruturas minimalistas, transformando anotações breves em enunciados completos e formalmente mais elaborados.

O Processamento de Linguagem Natural (PLN) da IA opera nesse cenário desafiador. Embora sistemas como o Grammarly ofereçam correções e sugestões para aprimorar a adesão às normas gramaticais e de pontuação, mesmo em um ambiente que encoraja a flexibilidade e a inovação. O Grammarly, por exemplo, não se limita a sugestões de sinônimos ou formatação de textos, como também atua de forma imediata na estrutura linguística, sendo percebido por estudantes como extremamente útil para a revisão de erros e para a melhoria da escrita acadêmica (Faisal & Caraba, 2023; O'Neill & Russell, 2019, p. 43). Essa percepção positiva, no

entanto, é acompanhada por preocupações: a superdependência nessas ferramentas pode impactar negativamente a capacidade de escrita autônoma e a proficiência linguística intrínseca dos indivíduos (Phan, 2023). Esse dilema sublinha a complexidade do uso da IA em contextos educacionais e de produção textual, onde o auxílio tecnológico deve se equilibrar com o desenvolvimento das competências humanas.

Modelos de linguagem são treinados com amplos corpora que incluem a linguagem “não-normativa” das mídias sociais. Essa “contaminação” de dados pode levar IAs, como o GPT-4 (Hunter, 2024; Moore-Colyer, 2025), a replicar variações e gírias, embaçando a fronteira entre escrita humana e algorítmica. O dilema reside em programar a IA para discernir entre variação contextual e erro, auxiliando usuários sem impor uma padronização artificial que limite a criatividade. Fenômenos como o “algospeak” (Crestani, 2022; Kreuz, 2023; Lorenz, 2022; Pase, 2024) exemplificam esse desafio ao evidenciar como os algoritmos moldam o uso da linguagem, incentivando adaptações estratégicas para contornar filtros automatizados e ampliar a visibilidade de conteúdos.

Em suma, a IA atua como um espelho e catalisador das mudanças linguísticas, levando a uma reavaliação contínua dos conceitos de “erro” e “norma” na era digital, e destacando a fluidez e adaptabilidade da linguagem.

2.5 O Impacto do Algospeak na Comunicação Escrita

O surgimento do Algospeak representa um fenômeno linguístico paradigmático na comunicação digital, mostrando como a moderação algorítmica por IA paradoxalmente estimula a evolução da escrita. Este artifício linguístico emerge como uma estratégia reativa dos usuários para subverter filtros automatizados e sistemas de moderação, demonstrando a capacidade adaptativa da linguagem às novas realidades sociotecnológicas. O Dr. Daniel Klug, coautor de um dos primeiros estudos sobre o fenômeno, observa que essa linguagem codificada está em constante evolução, pois “a plataforma aprende” e os usuários, consequentemente, “passam a usar novos códigos, imagens ou mesmo gestos para comunicar a mesma coisa” (Klug apud Pase, 2024). O Algospeak transcende a mera gíria, ele se configura como uma adaptação estratégica fundamental para evitar que conteúdos, palavras ou discussões sejam bloqueados, removidos ou penalizados. Essa nova forma de linguagem é ativamente moldada pelas restrições da internet e da IA, desenvolvendo-se organicamente à medida que os usuários encontram e compartilham métodos criativos de comunicação sem ativar os filtros de

moderação. Tais métodos incluem variações fonéticas propositais, abreviações não convencionais, o uso estratégico de homônimos visuais ou semânticos e a ressignificação de emojis e símbolos, permitindo a continuidade da expressão em tópicos sensíveis (Moerira et al., 2024).

Sob uma perspectiva linguística, o algospeak pode ser analisado à luz da teoria do signo linguístico de Ferdinand de Saussure (1916, p. 79), que postula a união entre um significante (a forma da palavra) e um significado (o conceito). No algospeak, a manipulação deliberada do significante — seja pela alteração da grafia (“segso” para “sexo”) ou pela substituição de termos diretos por eufemismos (“perdi a vontade de jogar” para ideia suicida; “*spicy dancers*” para trabalhador sexual) — permite que o significado subjacente permaneça inalterado, contornando sistemas de moderação que operam na detecção de significantes específicos (Moreira et al., 2024). Essa dissociação estratégica realça a flexibilidade da linguagem e a criatividade dos usuários em face das restrições algorítmicas, um reflexo notável da natureza dinâmica da mudança linguística estudada pela sociolinguística e linguística histórica.

O termo “algospeak” em si reflete sua origem etimológica, combinando “*algo-*” (de “algoritmo”) com “*speak*” (linguagem), denotando uma linguagem cifrada para evadir a censura algorítmica. Embora a codificação linguística online não seja nova (vide *Leetspeak* e *Voldemorting*), o Algospeak ganhou proeminência a partir de 2016 e popularidade significativa após um artigo no *The Washington Post* (Lorenz, 2022), especialmente entre usuários do TikTok, plataforma notória pela sua moderação algorítmica.

Nesse cenário de interação e adaptação, algoritmos de IA desempenham um papel fundamental na moderação de conteúdo, identificando e removendo publicações que violam suas regras. Conforme Leetaru (2019) aponta, esses algoritmos evoluíram de orientadores de experiência para controladores ativos do discurso online, muitas vezes impondo normas culturais ocidentais. Em resposta direta, usuários empregam grafias alternativas, símbolos e expressões codificadas para evadir a censura. Essa dinâmica de ação e reação é descrita por Kreuz (2023) como uma “corrida armamentista linguística”, onde plataformas aprimoram a detecção e usuários desenvolvem estratégias linguísticas sofisticadas. Essa batalha constante pode levar a frustrações, exemplificadas pela educadora sexual Evie Plumb, fundadora do *Cliterally The Best*, que vivenciou diretamente essa realidade ao perder sua conta no TikTok por usar repetidamente a palavra “sexo”, um termo essencial e inocente dentro do contexto da educação sexual. Plumb relata inúmeros vídeos advertidos ou removidos, mesmo sobre

assuntos essenciais para a saúde e o bem-estar das pessoas. Então, Plumb se adaptou ao “dialeto do algoritmo”, começando a substituir a palavra “sexo” por “seggs” e a evitar inocentes palavras anatômicas como “vulva” e “vagina”, questionando-se se “vai chegar em um ponto em que não vou conseguir sequer usar palavras censuradas”, pois “está ficando cada vez mais difícil. Em breve, vou ter que me comunicar de um jeito que vai parecer uma charada para qualquer pessoa que estiver lendo” (Plum apud Pase, 2024). Já na área jornalística, de modo a contornar a censura algorítmica e manter a clareza, a equipe de Marzano — gerente de desenvolvimento de audiência na *Deutsche Welle (DW)* — adotou o uso do algospeak, empregando símbolos, números e asteriscos, evitando eufemismos ambíguos específicos de idiomas ou culturas (Marzano apud Pase, 2024). Assim, o algospeak não é apenas uma tática de sobrevivência à censura, mas também uma forma criativa de expressão e um instrumento de construção de comunidade entre aqueles que compreendem essa linguagem cifrada. A análise desses exemplos revela a astúcia dos usuários em um ambiente digital que, por vezes, restringe a comunicação direta, e ressalta a capacidade da linguagem de evoluir de maneiras imprevisíveis diante de novos desafios. Essa complexa interação, portanto, molda ativamente a evolução da comunicação digital.

Do ponto de vista teórico, o fenômeno do algospeak pode ser analisado e compreendido sob a ótica da teoria da mediação semiótica proposta por Vygotsky (1985). Este argumentou que a linguagem e os sistemas de signos culturais não são meros instrumentos de comunicação como também desempenham um papel fundamental e ativo na moldagem dos processos cognitivos humanos e na forma como pensamos. No âmbito das plataformas online moderadas por IA, as restrições linguísticas e as regras de uso da linguagem que impostas pelos algoritmos e sistemas de moderação modificam intrinsecamente a maneira como os indivíduos constroem, formulam, interpretam e até mesmo conceituam as mensagens que trocam, influenciando o próprio pensamento veiculado pela linguagem escrita. Não obstante, o conceito de heteroglossia (ou a coexistência de múltiplas “vozes” e discursos em uma mesma língua) proposto por Bakhtin (1981) também se mostra particularmente relevante para a compreensão do algospeak. Este fenômeno exemplifica este princípio “bakhtiniano” de forma proeminente, uma vez que representa uma constante negociação de significado, de intenções e de formas de expressão que ocorre dentro de um espaço digital polifônico onde os usuários ativamente desafiam, subvertem e renegociam a autoridade imposta pelas regras algorítmicas de moderação por meio da criatividade e da inovação linguística.

O algospeak, embora contemporâneo, não é um fenômeno sem precedentes. Formas anteriores de adaptação linguística em contextos restritos incluem o *Leetspeak* (década de 1980), que substituía letras por números para criar uma linguagem cifrada, e o *Voldemorting* — termo originado na cultura pop inspirado no personagem *Lord Voldemort* da popular série *Harry Potter*, que era referido pelos outros personagens que o temiam como “aquele que não deve ser nomeado”, para não dizer seu nome por medo ou superstição — prática de evitar mencionar certas palavras para evadir rastreamento. Tais exemplos históricos (Moreira et al., 2024; Kreuz, 2023) demonstram a resiliência humana em encontrar brechas comunicativas sob restrição.

A diversidade e a criatividade do algospeak podem ser observadas em inúmeros exemplos que surgem continuamente em diferentes plataformas e idiomas. Esses exemplos ilustram as diversas estratégias utilizadas pelos usuários para codificar suas mensagens. A diversidade e a criatividade do Algospeak manifesta-se em diversas estratégias de codificação, continuamente surgindo em diferentes plataformas e idiomas. Os exemplos a seguir, categorizados por sua natureza linguística, ilustram as diversas estratégias utilizadas pelos usuários para codificar suas mensagens:

- **Eufemismos e termos indiretos:**

“*panoramic*”, “*panini*” > pandemia de COVID-19 (Moreira et al., 2024).

“*accountants*” > trabalhadores sexuais (Moreira et al., 2024; Kreuz, 2023).

“*perdi a vontade de jogar*” > ideia suicida (Moreira et al., 2024).


- **Substituições fonéticas e alterações ortográficas:**



“*unalive*” (“não vivo”) > morte ou suicídio (Kreuz, 2023).

“*le dollar bean*” (le\$bian) > lesbian (Moreira et al., 2024).

“*Ir@n*” > Irã (para evitar censura) (Kreuz, 2023).

- **Uso de emojis e símbolos:**

 > pornografia (Moreira et al., 2024; Kreuz, 2023).

,  > conteúdo sexual (Kreuz, 2023).

- **Abreviações e acrônimos:**

“*leg booty*” > comunidade LGBTQ+ (Moreira et al., 2024; Kreuz, 2023).

“*SA*” > *sexual assault* (agressão sexual) (Moreira et al., 2024).

As predisposições culturais, ou *cultural biases* (em inglês), inerentes aos modelos de IA, influenciam diretamente o algospeak. Sistemas de moderação são treinados em vastos conjuntos de dados que refletem normas sociais e vieses culturais, levando-os a restringir certas palavras ou temas desproporcionalmente. Com isso, o Algospeak emerge tanto como reação direta à censura tecnológica quanto como reflexo dos vieses nos dados de treinamento da IA. Os desafios práticos incluem a crescente dificuldade para plataformas e moderadores (humanos e algorítmicos) detectarem conteúdo prejudicial camuflado e o risco de perda ou má interpretação do contexto original da comunicação deliberadamente obscurecida. Contudo, a constante adaptação linguística do Algospeak sublinha a urgência de sistemas de IA mais culturalmente sensíveis e transparentes.

O algospeak é dinâmico e está em constante evolução, em um ciclo contínuo de inovação e adaptação entre a criatividade humana e as capacidades da IA. Essa “corrida armamentista linguística” implica que o algospeak é mais do que uma tendência; ele representa um novo estágio na evolução da linguagem, onde a expressão digital é ativamente moldada pela interação complexa entre humanos e IA. As implicações dessa mudança linguística se estendem além da comunicação cotidiana, desafiando noções tradicionais de autoridade linguística, os limites da censura digital e a própria estrutura e flexibilidade da linguagem escrita na complexa era digital. A compreensão do algospeak é crucial para entender como a linguagem se adapta e se transforma em um ecossistema digital supervisionado por inteligências artificiais.

3. Metodologia

A presente pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, teve como objetivo investigar o impacto da Inteligência Artificial (IA) na comunicação escrita na era das tendências digitais, sob uma perspectiva linguística. A complexidade do fenômeno, que envolve aspectos subjetivos, contextuais e em constante evolução, justificou a escolha por essa abordagem metodológica.

Para a construção desta análise, utilizou-se o método de levantamento bibliográfico, por meio de uma revisão sistemática da literatura (Gil, 2002). As bases de dados acadêmicas consultadas incluíram Scielo, Google Scholar e periódicos especializados em Linguística, Comunicação e Inteligência Artificial. Os termos de busca abrangeram “Inteligência Artificial”, “escrita”, “linguagem”, “linguística”, “autoria”, “originalidade”, “plágio”, “letramento digital” e “mídias sociais”, em diversas combinações. Foram selecionados artigos, livros, teses e

dissertações publicados nos últimos 10 anos que abordassem diretamente a interseção entre IA e comunicação escrita, com foco em suas implicações linguísticas e sociais.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativista, visando compreender os significados e as construções sociais que emergem da interação entre humanos e IA na produção textual. Os achados foram categorizados e discutidos à luz de conceitos-chave da Linguística Aplicada e da Sociolinguística, como variação linguística, norma culta, letramento digital e multiletramentos. Esta pesquisa busca contribuir para uma compreensão aprofundada dos desafios e oportunidades que a IA apresenta para o campo da escrita e da linguagem.

4. A Redefinição da autoria e o papel da IA

A ascensão da Inteligência Artificial (IA), particularmente dos modelos de linguagem generativos, está provocando uma reavaliação fundamental dos conceitos tradicionais de autoria, originalidade e plágio. A capacidade da IA de produzir textos coesos, informativos e estilisticamente variados levanta questionamentos profundos sobre a distinção entre a criação humana e a mecânica.

Tradicionalmente, a autoria tem sido associada à originalidade, à expressão individual e à posse intelectual de uma obra, exigindo discernimento, julgamento e uma voz única do autor (Bakhtin, 1981; Vygotsky, 1985). No entanto, a IA, treinada em vastos *corpus* de textos, pode replicar estilos, sintetizar informações e até “gerar” conteúdo que parece original, embora derive de dados existentes. Isso borra a linha que separa a criação genuína da compilação algorítmica. A noção de que a IA pode “aprender” e “passar” no Teste de Turing, como argumentam alguns pesquisadores (Hunter, 2024; Moore-Colyer, 2025; Turing, 1950), aprofunda essa crise de autoria, sugerindo uma inteligência artificial com capacidades textuais que mimetizam as humanas a ponto de se tornarem indistinguíveis.

Nesse contexto de redefinição, as tecnologias de inteligência artificial também ampliam o espectro da escrita criativa, trazendo à tona o debate sobre a “poesia algorítmica” e a questão central sobre até que ponto uma máquina, desprovida de emoções, consegue produzir versos dotados de carga afetiva autêntica. Segundo Hirota (2023, p. 45), o ChatGPT pode contribuir significativamente para a criação de poemas, ao permitir que pessoas com pouca habilidade na escrita componham versos em diferentes estilos e gêneros. O autor destaca o potencial da IA como uma vasta base de inspiração e sugestões de palavras e rimas, democratizando o acesso à criação poética. Ao analisar grandes volumes de obras poéticas, o ChatGPT aprende a criar

versos variados, tornando-se “uma espécie de coautor virtual” no processo literário (Hirota, 2023, p. 48). Por meio dessa colaboração entre humano e algoritmo, é possível direcionar a IA a seguir temas específicos — por exemplo, um usuário pode pedir “Crie um poema sobre a relação entre seres humanos e inteligência artificial” — e receber um texto rimado e estruturado que imita a linguagem poética, como demonstra Hirota (2023, pp. 45-46).

Entretanto, as capacidades algorítmicas não eliminam as limitações fundamentais da IA. O ChatGPT não possui intuição nem experiência existencial: ele reorganiza padrões linguísticos preexistentes sem vivenciar de fato emoções ou sensações. Em outras palavras, embora imite estilos literários, ele não “sente” amor, tristeza ou admiração ao compor. Isso nos leva à reflexão sobre o que faz da poesia uma expressão genuinamente humana. Conforme destacava Miguel Reale (2002), a poesia é indissociável do predomínio do elemento afetivo e imagético no dizer poético. Reale sustenta que a singularidade da poesia humana reside na sua capacidade de transcender a mera técnica, mergulhando no domínio do sentir. Ele afirma que toda obra poética culmina numa “Imagem Absoluta” que encapsula o racional num cenário de imagens, revelando que na poesia há sempre uma carga subjetiva e sensorial. Essa perspectiva é crucial para o debate sobre a poesia algorítmica, pois enfatiza a dimensão intrinsecamente subjetiva e imagética da arte poética, algo que a IA, por sua natureza, não vivencia. Para Reale (2002), o poema não é uma simples sequência de sons ou palavras aleatórias: “um poema não pode deixar de significar algo”, ainda que esse significado transcenda o sentido denotado e venha envolto em mistério. Ele sublinha que, mesmo na ambiguidade, a poesia autêntica porta um sentido profundo, o que contrasta com a composição algorítmica que opera por probabilidade e não por intenção de significado. Dessa forma, o verdadeiro poeta, segundo Reale, é alguém que conhece e transmite subjetivamente as nuances da vida humana. É por isso que ele critica os pseudopoetas que apenas alinham palavras sem propósito, confundindo o mistério da poesia com “a sua absoluta falta de sentido” (REALE, 2002). A crítica de Reale aos “pseudopoetas” ressoa diretamente na discussão sobre a IA, pois questiona a validade de uma produção que mimetiza a forma, mas carece da experiência e intenção humana que conferem alma ao poema.

Análise do contraste entre a criação humana e a algorítmica com base em alguns pontos-chave:

Expressividade e emoção: O poeta humano infunde nos versos suas próprias emoções e vivências, enquanto a IA apenas simula expressividade usando vocabulário e figuras de linguagem extraídas de seu treinamento (Hirota, 2023, p. 48). Isso reforça a distinção fundamental entre a vivência e a simulação, central para compreender as limitações da poesia gerada por IA.

Intencionalidade criativa: O escritor estabelece significado e contexto ao poema, enquanto o algoritmo é guiado externamente por parâmetros definidos (tema, estilo) sem consciência dos valores envolvidos (Hirota, 2023, p. 48). A ausência de uma intenção intrínseca no algoritmo, como destacado por Hirota, é um dos maiores desafios para que a poesia algorítmica seja equiparada à humana.

Autoria e originalidade: No processo algorítmico surge uma coautoria híbrida: o usuário sugere ideias, mas o texto final é elaborado pela IA (Hirota, 2023, p. 45). Mesmo assim, o produto criado pode carecer da centelha original humana, pois reflete padrões estatísticos preexistentes. Miguel Reale (2002) lembra que cada poema verdadeiro resulta de um ato criativo interpretativo – não apenas mecânico, mas entrelaçado com a hermenêutica subjetiva do autor. Ele eleva a poesia a um ato interpretativo, complexamente ligado à subjetividade do autor, o que serve como contraponto à produção estatística da IA, sugerindo que a verdadeira originalidade transcende a mera recombinação de dados. Para ele, a poesia tem a função cognitiva primordial de “revelar e comunicar todos os aspectos da beleza” e dos valores humanos universais (Reale, 2002). Essa função “cognitiva” da poesia, conforme Reale, estabelece um propósito humano intrínseco para a arte poética, desafiando a premissa de que a IA, desprovida de experiência humana, possa cumprir essa função de maneira equivalente. Essa visão desafia diretamente a noção de inteligência artificial poética: sem experiência humana, o algoritmo não vive nem transmite esses aspectos fundamentais. Em outras palavras, a sensibilidade poética parece resistir à automatização.

A presença da IA na criação literária também sugere uma redefinição de autoria. Se o escritor direciona o ChatGPT e este redige o poema, quem é o autor? A resposta não é simples. Alguns consideram que o uso de ferramentas ainda preserva a criatividade humana, pois a decisão final e o contexto vêm do poeta; outros argumentam que a IA pode ter voz própria, produzindo obras imprevisíveis. De qualquer forma, essa parceria impõe reflexões sobre

originalidade e direitos autorais: estamos diante de um texto escrito por máquina, por mais que tenha surgido de um comando humano. Como aponta Hirota (2023, p. 45), trata-se de uma coautoria mediada por tecnologia. A concepção de “coautoria mediada” de Hirota (2023) oferece uma estrutura para entender a complexidade da autoria na era da IA, reconhecendo a agência humana na direção e a capacidade da máquina na execução.

O plágio, por sua vez, sempre foi definido como a apropriação indevida de ideias ou palavras alheias sem o devido crédito. Com a IA, essa definição se torna ambígua. Quando um texto gerado por IA incorpora e recombina informações de diversas fontes de seu treinamento, quem detém a autoria? É o desenvolvedor da IA, o usuário que forneceu o *prompt*, ou a própria máquina? Se a IA produz um texto que se assemelha a uma obra existente (sem cópia direta, mas por semelhança temática ou estilística derivada do treinamento), isso constitui plágio? A detecção de plágio assistida por IA é uma ferramenta que surge nesse contexto para tentar mitigar a questão, mas a complexidade da "autoria" algorítmica permanece (Faisal & Caraba, 2023).

A ética na IA é um campo em rápida evolução que tenta abordar essas questões (Stahl et al., 2023; Trotta et al., 2023). As diretrizes éticas procuram definir responsabilidades e estabelecer limites para o uso da IA na produção textual, mas a velocidade do avanço tecnológico frequentemente supera a capacidade de regulamentação. O debate se estende à questão da autenticidade na era da IA, que vira um ativo valioso num cenário onde a “voz” autêntica de um autor pode ser emulada ou perdida na superdependência da tecnologia (Miliano, 2024; Moss, 2025). A IA, embora capaz de otimizar a escrita e facilitar processos criativos, exige que o autor humano mantenha a supervisão crítica e um papel ativo no processo, assegurando que a ferramenta seja um coadjuvante, e não um substituto para a inteligência e a voz autoral.

Em última análise, o surgimento da poesia algorítmica provoca perguntas filosóficas mais amplas. Será que a linguagem é apenas um código a ser manipulado por máquinas ou ela carrega em si algo intransferível do sujeito que a expressa? Se uma IA consegue gerar um poema que emociona sem “sentir”, qual o verdadeiro papel da emoção no processo criativo? Além disso, a literatura sempre dialogou com a condição humana – nossas angústias, belezas e enigmas. Se máquinas também passam a produzir arte, questiona-se o que isso nos revela sobre a própria humanidade. Talvez o valor da poesia esteja justamente em seu aspecto inatingível: na ambiguidade, na subjetividade irreprodutível. Como conclui o pensamento poético de Reale

(2002), a obra verdadeiramente poética não é só técnica literária, mas um conhecimento primordial da alma humana. A visão final de Reale serve como um poderoso epílogo, reforçando que a poesia, em sua essência, transcende a mera manipulação de linguagem, sendo uma expressão profunda e intrinsecamente humana que a IA, por mais avançada, dificilmente replicará completamente. Assim, mesmo que a IA leve a sintaxe e o ritmo a alturas impensáveis, o mistério do sentimento e da criação artística continua a residir naquilo que resta exclusivamente humano.

5. Conclusão

A análise da crescente integração da Inteligência Artificial generativa e do Processamento de Linguagem Natural na comunicação escrita revela um cenário complexo e multifacetado, que redefine fundamentalmente a linguagem digital, os paradigmas de autoria e o próprio conceito de originalidade.

Este estudo demonstrou que a IA não apenas se insere em uma trajetória de transformações linguísticas preexistentes — acentuadas pelo “internetês”, a multimodalidade de emojis e GIFs, e o fenômeno do “Algospeak” — mas atua como um catalisador vigoroso dessas mudanças. A discussão sobre normas gramaticais foi aprofundada pela perspectiva semiótica, revelando como elementos visuais operam como unidades semânticas autônomas, capazes de transmitir significado e emoção. A inteligência artificial, treinada com vastos *corpus* de dados que incluem essas variações, reflete e, por vezes, reforça a fluidez linguística. A cena da minissérie *Adolescência* (2025) serviu como uma ilustração vívida do descompasso geracional na compreensão desses códigos linguísticos em evolução, sublinhando a complexidade da comunicação na era digital.

Ademais, a pesquisa evidenciou que a IA transcendeu o papel de mera ferramenta para se posicionar como cocriadora na produção textual. Essa colaboração entre humanos e máquinas, especialmente notável na ascensão da “poesia algorítmica”, levanta questionamentos profundos sobre a autenticidade e a autoria. A capacidade da IA de emular estilos e gerar conteúdo que parece original, mas que carece da intuição e experiência existencial humana, foi contrastada com a visão de Miguel Reale (2002). Ele argumenta que a poesia genuína é indissociável do elemento afetivo e imagético, culminando em uma “Imagem Absoluta” que encapsula o subjetivo e o experiencial, características que a IA, por sua natureza algorítmica, não pode replicar integralmente. A distinção entre a vivência do poeta e a simulação da

máquina, bem como a intencionalidade criativa humana *versus* os parâmetros definidos externamente para algoritmos, ressalta a complexidade da coautoria mediada pela tecnologia. Os desafios do plágio e da autenticidade são exacerbados nesse contexto, demandando uma reavaliação contínua das diretrizes éticas e de atribuição.

Em suma, a IA não suprime a escrita humana, mas a transforma, exigindo novas competências e uma reavaliação contínua dos paradigmas da comunicação. Os resultados apontam para a necessidade premente de um letramento digital crítico que englobe a interação com IAs, permitindo que os indivíduos discernam a autenticidade e a relevância das informações, compreendam as limitações da criação algorítmica e desenvolvam habilidades para otimizar o uso dessas tecnologias de forma ética e consciente. A coexistência e a coevolução entre a inteligência humana e artificial na escrita apontam para um futuro onde a capacidade de discernir, adaptar e inovar linguisticamente será ainda mais valorizada, com a intersecção entre a linguística e a tecnologia se mostrando cada vez mais crucial para a compreensão das dinâmicas textuais contemporâneas.

6. Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflitos de interesse relacionados a este estudo.

7. Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados de pesquisa que suportam os resultados deste estudo estão disponíveis no corpo do artigo.

6 Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: como se faz na escola*. 55. ed. São Paulo: Loyola, 2013. (Coleção O que É, Como Se Faz).
- BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination: four essays*. Organizado por M. Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 40. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.
- CRESTANI, Pillar Cornelli. “ALGOSPEAK”: *driblando a moderação de conteúdos nas redes sociais*. Centro de Estudos e Pesquisas em Direito e Internet da UFSM, Santa Maria, 4 maio 2022. Disponível em: <https://cepediufsm.wordpress.com/2022/05/04/algospeak-driblando-a-moderacao-de-conteudos-nas-reedes-sociais/>.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DANESI, Marcel. *The Semiotics of Emoji: The Rise of Visual Language in the Age of the Internet*. London: Bloomsbury Academic, 2017.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman, 1995. 219 p.
- FAISAL, F.; CARABA, L. *Artificial Intelligence as a tool for plagiarism detection: perceptions of lecturers in a higher education institution*. International Journal of Interactive Mobile Technologies (iJIM), v. 17, n. 19, p. 147–160, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3991/ijim.v17i19.46782>.
- FITRIA, Tira Nur. “Grammarly” as AI-powered English writing assistant: *students' alternative for English writing*. Metathesis: Journal of English Language, Literature, and Teaching, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 65–78, abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.31002/metathesis.v5i1.3519>.
- GARCÍA, J. M. S. *The Semiotics of the Digital Image: A Peircean Approach*. *Semiotica*, v. 2021, n. 240, p. 325–347, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/sem-2020-0080>.
- HENRY, L. *A nova semiótica dos emojis: significados codificados e descompassos geracionais*. Revista de Comunicação Digital, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 45-60, jul./dez. 2025.
- HIROTA, G. F. *O impacto do ChatGPT na coesão e concisão textual*. 2023. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia de Software) – Escola Superior de Engenharia e Gestão, São Paulo, 2023.
- HUNTER, Wiliam. *ChatGPT passes the famous 'Turing test' - suggesting the AI bot has intelligence equivalent to a human, scientists claim*. Daily Mail Online, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-13554489/ChatGPT-passes-famous-Turing-test.html>.

- ISZLAJI, Felipe. *IA e a Revolução da Linguagem com Clarice IA*. In: AMANHÃ JÁ FOI (Podcast). Amanhã Já Foi. YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/Ks3unQk-ydU>.
- KOSKA, V. M. *Expression beyond text: A study on the acceptance of emojis, gifs and stickers as a communication tool in Whatsapp among college students in Chennai*. International Journal of Current Humanities & Social Science Researches (IJCHSSR), 7(3), 207-213, 2023.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London: Arnold, 2001.
- KREUZ, R. J. *What is 'algospeak'? Inside the newest version of linguistic subterfuge*. *The Conversation*, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://theconversation.com/what-is-algospeak-inside-the-newest-version-of-linguistic-subterfuge-203460>.
- LEETARU, K. *Algorithmic moderation: the algorithms that decide what we see now delete us too*. Forbes, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/kalevleetaru/2019/04/24/algorithmic-moderation-the-algorithms-that-decide-what-we-see-now-delete-us-too/>.
- LI, L.; YANG, Y. *Pragmatic functions of emoji in internet-based communication — a corpus-based study*. Asian-Pacific Journal of Second and Foreign Language Education, v. 3, Art. 16, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40862-018-0057-z>.
- LOGI, Lorenzo; ZAPPAVIGNA, Michele. *Emoji in social media discourse about working from home*. Discourse, Context & Media, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/dem.2021.100543>.
- LORENZ, T. *Internet 'algospeak' is changing our language in real time, from 'nip nops' to 'le dollar bean'*. The Washington Post, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/technology/2022/04/08/algospeak-tiktok-le-dollar-bean/>.
- MILIANO, S. W. *The importance of authenticity in the age of AI*. Forbes Business Council, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://www.forbes.com/councils/forbesbusinesscouncil/2024/07/18/the-importance-of-authenticity-in-the-age-of-ai/>.
- MOORE-COLYER, R. *GPT-4.5 is the first AI model to pass an authentic Turing test, scientists say*. Live Science, 13 abr. 2025. Disponível em: <https://www.livescience.com/technology/artificial-intelligence/open-ai-gpt-4-5-is-the-first-ai-model-to-pass-an-authentic-turing-test-scientists-say>.
- MOREIRA, A. P.; OLIVEIRA, D. B. de; HOLANDA, W. de A. *Inteligência artificial e letramentos críticos: o discurso tecnocêntrico em memes*. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 70–88, 2024. DOI: <https://doi.org/10.46230/lef.v16i2.13090>.

- MOSS, B. *The key to content in the age of AI lies in human expertise and authenticity*. Fast Company Executive Board, 12 fev. 2025. Disponível em: <https://www.fastcompany.com/91276205/the-key-to-content-in-the-age-of-ai-lies-in-human-expertise-and-authenticity>.
- MOURA, Sergio Arruda de; DUQUE-PEREIRA, Ives da Silva. *Compreendendo a Inteligência Artificial Generativa na Perspectiva da Língua*. SciELO Preprints, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7077>.
- OCHULOR, P. G.; ATIU, Y. K.; ADEBAYO, M. *A Pragmatic Analysis of Digital Media Stickers, Emojis and Gifs Towards Vocabulary Development*. *English Language, Literature & Culture*, 8(4), 83-91, 2023.
- O'NEILL, R.; RUSSELL, A. *Stop! Grammar time: University students' perceptions of the automated feedback program Grammarly*. *Australasian Journal of Educational Technology*, v. 35, n. 1, p. 42-56, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14742/ajet.3795>.
- O'NEILL, L.; RUSSELL, M. *Collaborating with AI: Human Oversight in Automated Writing Tools*. *Journal of Writing Research*, v. 11, n. 2, p. 150–167, 2019.
- PASE, Iris. *"Unaliving" language online: How journalists can decode "algospeak" on social media*. IJNet, 10 out. 2024. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/unaliving-language-online-how-journalists-can-decode-%E2%80%98algospeak%E2%80%99-social-media>.
- PFERL, Matheus. *E aí, blz? Do erudito ao internetês, que tipo de português vc fala?* Uninter Notícias, Curitiba, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/e-ai-blz-do-erudito-ao-internetes-que-tipo-de-portugues-vc-fala>.
- PHAN, Thi Ngoc Le. *Students' Perceptions of the AI Technology Application in English Writing Classes*. *Proceedings of the AsiaCALL International Conference*, [S. l.], v. 4, p. 45–62, 2023. DOI: 10.54855/paic.2344. Disponível em: <https://asiacall.info/proceedings/index.php/articles/article/view/72>.
- PROVASI, V.; DUARTE, A. *The Impact and Consequences of Artificial Intelligence in Copywriting*. IGI Global Scientific Publishing, 2025.
- REALE, Miguel. *Variações sobre a poesia*. *Academia Brasileira de Letras*. [Publicado originalmente no jornal O Estado de S. Paulo em 3 ago. 2002]. Disponível em: <https://login.academia.org.br/artigos/variacoes-sobre-poesia>.
- SALIÉS, Tania G. Shepherd. *Linguística da internet*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. E-book. ISBN 9788572447904. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788572447904/>.
- SANOSI, Abdulaziz B. *The impact of automated written corrective feedback on EFL learners' academic writing accuracy*. *The Journal of Teaching English for Specific and Academic Purposes*, v. 10, n. 2, p. 301-317, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22190/JTESAP2202301S>.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1916.

- ISZLAJI, Felipe (Entrevistado); SOMMER, Diego (Entrevistador). EP.98: A Revolução da Escrita em Português com Clarice AI – Entrevista c/ Felipe Iszlaji CEO da Clarice.AI. In: PODDCAST IA TODO DIA – INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. Podcast IA Todo Dia – *Inteligência Artificial*. YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/i8QLxHSNt1g?si=IOIHgXLjFRZ6N4yP>.
- STAHL, B. C.; SCHROEDER, D.; RODRIGUES, R. *Ethics of Artificial Intelligence: Case Studies and Options for Addressing Ethical Challenges*. Cham: Springer Nature Switzerland AG, 2023.
- SYAFA'AH, L. A.; HARYANTO, S. *Slang Semantic Analysis on TikTok Social Media Generation Z*. In: SISETH INTERNATIONAL SUMMIT ON SCIENCE TECHNOLOGY AND HUMANITY, 9., 2023. Anais... [S. l.], 2023. p. 476-484.
- TROTTA, A.; ZIOSI, M.; LOMONACO, V. *The Future of Ethics in AI: Challenges and Opportunities*. *AI & Society*, v. 38, p. 439–441, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00146-023-01644-x>.
- TURING, A. M. *Computing machinery and intelligence*. *Mind*, v. 59, n. 236, p. 433-460, out. 1950.
- VYGOTSKY, L. S. *Thought and language*. Organizado por A. Kozulin. Cambridge: MIT Press, 1985.
- WRITERFUL BOOKS. *The 'TikTok Effect' & How AI is Impacting Writers*. [S.l.], 11 maio 2023. Atualizado em: 13 maio 2023. Disponível em: <https://writerfulbooks.com/publishing-trends-ai-writers/>.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.